

ASPECTOS DE SAÚDE RELACIONADOS AO SEXO: UM ESTUDO COM DISCENTES NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Rafael Christian de Matos ¹
Gabriel Moreira de Mello Mendes ²
Cristina Mariano Ruas ³

RESUMO

Em 2020, devido a pandemia ocasionada pelo vírus Sars-CoV-2, medidas sanitárias preventivas precisaram ser realizadas. Dentre estas, a adaptação do modelo educacional presencial ao formato remoto tornou-se uma alternativa para a realização do distanciamento físico preconizado. Contudo, diante da vasta e robusta literatura que aborda a diferenciação dos sexos no estado de saúde em situações adversas, não se pode deixar de avaliar a percepção de saúde no contexto educacional e pandêmico dentro destes dois grupos, sendo este o enfoque metodológico do trabalho. Para atingir esta finalidade, um estudo transversal foi realizado com 401 alunos regularmente matriculados no curso de farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio de questionário eletrônico que avaliou parâmetros socioeducacionais e de saúde. As respostas foram analisadas utilizando softwares estatísticos, através de comparação de médias empregando como variável dependente o sexo. Utilizando-se 0,05 como corte de valor-p. As mulheres apresentaram mais exaustas, ansiosas, sobrecarregadas, mais adoecidas e com menos tempo para lazer e esportes que os homens. Diante dos achados, observou-se a vulnerabilidade do grupo feminino no contexto pandêmico e educacional, necessitando de políticas específicas para a inclusão do grupo, de forma a propiciar condições igualitárias e justas de acesso educacional, além da viabilidade de promoção de saúde pública específica ao grupo, objetivando monitorar e dar suporte à saúde psíquica neste contexto pandêmico.

Palavras-chave: Educação, Ensino Remoto, Saúde, Sexo, COVID-19.

INTRODUÇÃO

No ano de 2020, após a aprovação da Resolução N° 02/2020, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), instaurou um modelo não presencial de ensino, intitulado Ensino Remoto Emergencial (ERE), devido a situação pandêmica instaurada com a disseminação do vírus Sars-CoV-2 (UFMG, 2020). Contudo, tal modelo de

¹ Graduando do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, rafaelchristiandm@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, gabrielmmendes2000@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora em Saúde Pública, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, crisruasufmg@gmail.com.

ensino pode comprometer a saúde e a satisfação dos alunos com o ensino, principalmente quando explorado questões econômicas e sociais, tornando-se necessário a elucidação do impacto social desta adaptação (NEVES, VALDEGIL e SABINO, 2021). Dentre tais abordagens, há a diferenciação de percepção e cobrança educacional com relação à conduta social e estudantil entre os sexos masculino e feminino, sendo esta a abordagem do presente estudo.

Desde os períodos imemoráveis, tem-se destaque para a diferenciação da performance e cobrança social, emocional e econômica quando se trata das temáticas relacionadas ao sexo. Embora tal repertório tenha sido latente ao longo das diversas civilizações, o impacto e a concretização social destas reflexões estão longe de estarem consolidadas (ROHDEN, 2001).

Tais diferenciações permeiam por diversos níveis de complexidade, que contemplam aspectos biológicos, fisiológicos, psicológicos e emocionais. Desta forma, pode-se discuti-lo sob um olhar sociológico, como o processo sociocultural de modulação social, até aspectos epidemiológicos e econômicos, como a diferenciação de reconhecimento salarial, tal como a diferença da expectativa de vida média existente (BARATA, 2009). Desta forma, é impossibilitada a omissão da discussão sobre os processos particulares a cada grupo no campo educacional, tal como no impacto ocasionado pela pandemia.

Uma vez posta a premissa de que o processo educacional demanda tempo, atenção e saúde para seu desenvolver, tem-se diversos agravamentos no parâmetro educacional com sua adaptação ao modelo remoto, uma vez que este além de demandar maior tempo para preparo e realização das atividades, mescla diversos ambientes laborais e sociais em um único espaço. Desta forma, muitos parâmetros educacionais diferem-se nas diversas expressões de gênero, uma vez que embora o acréscimo feminino no mercado venha sendo potencializado nos últimos anos, o conciliar doméstico ainda é aspecto de tabu na divisão de tarefas familiares, fazendo com que, além de sobrecarga com efeitos à saúde, a disponibilidade emocional e cronológica ao estudo ficam comprometidos de forma diferencial (LOYOLA, 2020).

Desta forma o estudo apresentou caráter transversal, sendo que o seu delineamento objetivou identificar os parâmetros de saúde que mais diferenciavam-se, em função ao sexo, dos discentes de um curso de farmácia de uma universidade pública. O escopo metodológico, aportado pelos testes de comparação de médias, resultou em dados confluentes com a literatura. Estes correlacionaram, principalmente, à percepção de exaustão e de doença no contexto pandêmico, sendo o grupo de mulheres avaliado como mais exausto, ansioso, sobrecarregado, mais adoecido e com menos tempo para lazer e esportes.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo transversal, parte do projeto intitulado “Acompanhamento de discentes, docentes e egressos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)”. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, sob Certificado de Apreciação Ética na Plataforma Brasil nº 15414619.0.0000.5149, contou com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi encaminhado automaticamente para o e-mail dos alunos respondentes.

Para a coleta de dados disponibilizou-se questionário a todos alunos do curso de Farmácia da UFMG, o qual avaliava fatores sociodemográficos, comportamentais e aqueles relacionados à satisfação com o processo de ensino-aprendizagem e a autopercepção de saúde durante a pandemia. Os questionários foram disponibilizados por meio de formulário do Google Forms®, com divulgação por meios eletrônicos, sendo as respostas obtidas no período entre 20/09/2020 a 28/09/2020.

Os critérios de inclusão no estudo foram: i. alunos regularmente matriculados no curso de Farmácia da UFMG; ii. alunos que responderam à variável “sexo” no estudo. A variável dependente foi o “sexo”. As variáveis independentes foram i. estado geral de saúde, avaliado como a autopercepção em uma escala que variou de 0 a 100, na qual a nota 0 representava o pior estado de saúde e 100 o melhor estado de saúde imaginável; ii. avaliação geral da saúde e iii. satisfação dos discentes com o ERE. Os dois últimos grupos utilizaram escala Likert para avaliação da resposta, que variava de 1 a 5, sendo 1

autopercepção ruim e 5 muito boa, quanto aos aspectos relacionados à exaustão, ansiedade, sobrecarga, adoecimento em relação ao ERE e à pandemia, sintomas de depressão e falta de tempo para lazer e esportes.

Utilizou-se o programa Epi-Info 7[®] para as análises estatísticas. A normalidade dos dados foi analisada por meio do teste de Bartlett 's. Para a comparação de médias, utilizou-se o test t, com cálculo da média, Intervalo de confiança a 95% e p-valor das variáveis independentes, segmentadas pela variável dependente do estudo (sexo).

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao trabalhar os aspectos educativos, indiferente da sua ótica, existe uma prerrogativa comum que deve ser analisada: o aspecto e percepção de saúde do discente. Isto, uma vez que existe relação de causalidade entre boa saúde e acesso a bons níveis de estudo (CASTRO e STADUTO, 2019), faz com que, no ERE, esta percepção estudantil deva ser avaliada com cautela, a fim de perceber os impactos desta na saúde do estudante.

Ao observar o padrão mundial de expectativa de vida, vê-se aumento desta métrica independente do sexo analisado. Entretanto relata-se que seu crescimento, que não é uniforme em ambos os sexos, mantém majoritariamente uma taxa de mortalidade maior entre homens do que nas mulheres (SOUZA e SIVIERO, 2020). Contudo, independente do indicador utilizado para mensurar o estado de saúde dos indivíduos, tem-se que as mulheres possuem propensão a viver maior tempo com saúde pior, sendo notável a desvantagem das mulheres com relação a expectativa de vida saudável (CAMARGOS e GONZAGA, 2015).

Com relação a esta percepção, devido aos contextos sociológicos do desenvolvimento psicológico humano, tem-se que homens apresentam a maior propensão de avaliação positiva de saúde, acentuando-se com a redução de sua idade, podendo não representar um quadro realístico da situação (GORMAN E READ, 2006). Quando se observa a percepção de mulheres, no entanto, tem-se relatado também que a pior avaliação de saúde por sua parte, também é ocasionada devido a elevada exposição

às exigências sociais, além de menor apoio para sanarem questões pessoais e profissionais (SOYTAS E KOSE, 2014; MOURA, GOMES E PEREIRA, 2017).

A consequência destas exigências sociais resultam também no agravamento de parâmetros específicos de saúde. Em relação à população feminina é comum a descrição de agravamento de quadros de estresse associado à necessidade de esforço adaptativo na realização das tarefas diárias frente à exigência desigual a que é submetida (WOTTRICH, et. al., 2011).

O estresse feminino também se comunica com o aumento da participação deste grupo no cenário laboral, sem deixarem de protagonizar os cuidados domésticos em seus lares (WOTTRICH, et. al., 2011). Desta forma, tem-se também o agravamento da exaustão emocional, devido ao acúmulo ocupacional, transpassando as barreiras laborais e reduzindo o tempo disponível para questões como o autocuidado e lazer, que poderia viabilizar a melhora da percepção de bem estar (TAMAYO, 2002).

Ademais, diante do cenário da pandemia, o quadro de diferenças de atribuições entre os sexos masculino e feminino, que estavam distante da idealidade, se agravaram. Ocorreu acréscimo da demanda doméstica, necessidade de conciliação do cuidado dos filhos com as demais atividades sociais e profissionais, além da instabilidade de segurança, devido ao aumento da violência doméstica que ocorreu no período. Soma-se a isso o tolhimento de tomada de decisões políticas, com elevada demanda do cuidado em saúde, historicamente realizado pelas mulheres, na linha de frente do combate à pandemia (MOREIRA *et. al.*, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Responderam ao questionário 401 alunos, sendo destes 75% (n=301) do sexo feminino. A maior parte dos respondentes se autointitulou branca (52%), seguido de parda (34%), preta (9%) e amarela (2%), sendo que 3% preferiram se abster desta resposta. Dos respondentes, 56% informou ter cursado o ensino médio em escola pública e apenas 42% alegou ingresso universitário por meio da política de cotas. Com relação às características acadêmicas, 58% são do período diurno, 53% se encontram no

período profissionalizante do curso e 43% informaram não possuir atividade remunerada.

Observa-se, pela comparação das médias entre o sexo masculino e feminino que, as mulheres se sentiam mais exaustas, ansiosas, sem tempo para lazer e esportes, mais sobrecarregadas e mais doentes por causa da pandemia que os homens ($p < 0,05$) (Tabela 1). Paradoxalmente, a autopercepção da saúde das mulheres foi melhor que a dos homens, $72,97 \pm 18,92$ e $62,27 \pm 20,36$ ($p = 0,0360$), respectivamente.

Tabela 1 – Comparação dos aspectos relacionados à saúde e ao ensino remoto emergencial entre discentes do sexo masculino e feminino do curso de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais (n=401).

Variável	Masculino		Feminino		valor p
	Média	Intervalo de confiança 95%	Média	Intervalo de confiança 95%	
Sente-se exausto	3,72	3,46-3,98	4,28	4,16-4,40	<0,0001
Sente-se ansioso	3,59	3,31-3,87	4,12	3,99-4,25	0,0011
Sem tempo para esporte e lazer	3,02	2,71-3,33	3,51	3,35-3,67	0,0059
Sente-se sobrecarregado	3,71	3,44-3,98	4,08	3,94-4,22	0,019
Doença por causa da pandemia	2,42	2,15-2,69	2,74	2,60-2,88	0,0425
Doença por causa do ERE	2,49	2,22-2,76	2,76	2,60-2,92	0,0837
Sente-se deprimido	2,77	2,48-3,06	3,06	2,90-3,22	0,0874
Satisfação Geral com o ERE	3,14	2,91-3,37	3,11	2,99-3,23	0,8227

Fonte: Autoria Própria, 2021

No período pandêmico, as mulheres foram mais afetadas em relação aos aspectos de saúde mental. Com o distanciamento físico preconizado pelas medidas sanitárias preventivas, este grupo passou a sofrer maiores pressões e enfrentamentos de situações atípicas, como sobrecarga de atividades domésticas (que historicamente já era

comum), violência e até gravidez indesejada (SOUZA, SOUZA E PRACIANO, 2020). Outros fatores descritos na literatura que agravam o comprometimento da saúde mental das mulheres são: ser adulta jovem, residir em locais com elevado número de casos de COVID e desemprego (SOUZA, SOUZA E PRACIANO, 2020). Todavia, devido ao desenho metodológico, as causas não foram abordadas neste estudo. Assim, não é possível inferir qual a origem da sobrecarga, se somente relacionado ao processo educacional ou a questões sociodemográficas e econômicas.

A percepção de exaustão por ser comumente o reflexo de cansaço, sendo a face visível de problemas mais profundos (ZORZANELLI, VIEIRA, RUSSO, 2016). Este sentimento é característico da última etapa de estresse ocasionada pela adaptação, fazendo com que o desprendimento de energia física e psicológica propicie não apenas comprometimento do processo de ensino aprendizagem, como também o aparecimento de doenças físicas (TABQUIM et. al. 2015). O excesso de demanda educacional devido à adaptação do ensino remoto e o tempo elevado em frente ao computador podem resultar em maior cansaço. Maiores demandas de trabalho exigem maior tempo para descanso e realização de atividades de lazer. Entretanto, com as medidas de contenção da pandemia, isso nem sempre é possível. E, novamente as mulheres apresentam menor disponibilidade para atividades de lazer, tornando a sobrecarga um fenômeno cíclico, sem um processo de renovação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto econômico, social e educacional da pandemia além de intranscriteável ocasionou agravamento de diversas pautas comunitárias. Com os achados da pesquisa observou-se pior percepção de saúde das mulheres, nos aspectos relacionados à exaustão, ansiedade, sobrecarga, adoecimento e a falta de tempo para lazer e esportes comparativamente aos homens. Ressalta-se a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas e apoio institucional voltadas para as mulheres.

AGRADECIMENTOS

Aos docentes da Faculdade de Farmácia da UFMG: Dr. Adriano Max Moreira, Dra. Ana Paula Lucas Mota, Dra. Cristina Vianna Duarte, Dra. Flávia Beatriz Custódio, Dra. Maria Aparecida Gomes, Dra. Mariana Martins Gonzaga do Nascimento e Dra. Simone de Araújo, à Técnica em Assuntos Educacionais Aidê Cristina Silva Teixeira e os discentes de graduação Thais de Souza Sales e Ronald de Figueiredo Nascimento e pós-graduação Maria Vilas Boas, que compõem o projeto. A Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD/UFMG), ao colegiado e Núcleo Docente Estruturante do curso de Farmácia da UFMG pelo apoio dado para desenvolvimento do estudo.

REFERÊNCIAS

BARATA, R. B.. Relações de gênero e saúde:: desigualdade ou discriminação?. In: BARATA, Rita Barradas. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 73-94. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/48z26/pdf/barata-9788575413913-06.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2021

CAMARGOS, M. C. S.; GONZAGA, M. R. Viver mais e melhor? Estimativas de expectativa de vida saudável para a população brasileira. **Cadernos de Saúde Pública [online]**. v. 31, n. 7, 2015, pp. 1460-1472. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00128914>.

CASTRO, B. N.; STADUTO, J. A. R.. Percepção de saúde no Brasil: uma análise das diferenças por sexo dos trabalhadores. **Economia e Sociedade**, [S.L.], v. 28, n. 3, p. 855-884, dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3533.2019v28n3art10>.

GORMAN, B. K.; READ, J. G. Gender disparities in adult health: an examination of three measures of morbidity. *Journal of Health and Social Behavior*, v. 47, n. 2, p. 95-110, Jun. 2006. <http://dx.doi.org/10.1177/002214650604700201>

LOYOLA, M. A.. Covid-19: uma agenda de pesquisa em torno das questões de gênero. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 30, n. 3, p. 1-7, jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312020300312>.

MOREIRA, L. E.; *et. al.* MULHERES EM TEMPOS DE PANDEMIA: um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. **Psicologia & Sociedade**, [S.L.], v. 32, p. 1-19, jul. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240246>.

MOURA, E. C.; GOMES, R.; PEREIRA, G. M. C.. Percepções sobre a saúde dos homens numa perspectiva relacional de gênero, Brasil, 2014. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 291-300, jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017221.17482015>.

NEVES, V. N. S.; VALDEGIL, D. A.; SABINO, R. N.. Ensino remoto emergencial durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S.L.], v. 3, n. 2, p. e325271, 30 mar. 2021. *Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*. <http://dx.doi.org/10.47149/pemo.v3i2.5271>.

ROHDEN, F.. A questão da diferença entre os sexos: redefinições no século XIX. In: ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. p. 29-48. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8m665/pdf/rohden-9788575413999-03.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2021

SOUZA, A. S. R.; SOUZA, G. F. A.; PRACIANO, G. A. F.. Women's mental health in times of COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 659-661, set. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93042020000300001>.

SOUZA, L. G.; SIVIERO, P. C. L.. Diferenciais por sexo na mortalidade evitável e ganhos potenciais de esperança de vida em São Paulo, SP: um estudo transversal entre 2014 e 2016. *Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília*, v. 29, n. 3, e2018451, jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742020000300004>.

SOYTAS, M. A.; KOSE, T. Gender differences in self-reported health status: cross-country evidence from Turkey and the United States. **Job Market Paper**, p. 1-30, Nov. 2014. Disponível em: <https://www.econ.pitt.edu/sites/default/files/_Kose_JMP_Health_Turkey_USA_November_2014.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021

TABAQUIM, M. L. M. *et al.*. Vulnerabilidade ao stress em escolares do ensino técnico de nível médio. **Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 197-213, jan. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v35n88/v35n88a13.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2021

TAMAYO, A.. Exaustão emocional no trabalho. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 26-37, abr. 2002. Disponível em: <<http://rausp.usp.br/wp-content/uploads/files/V370226.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2021

UFMG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Resolução nº 02/2020** de 09 de julho de 2020. Regulamenta o ensino remoto emergencial da UFMG durante período de pandemia da doença COVID-19. Belo Horizonte, MG. jul. 2020. Disponível em: <https://ufmg.br/storage/7/2/7/c/727cdac040b9f81d6c3a531b0e3cafe7_15944093123508_526377393.pdf> Acesso em: 27 jul. 2021

WOTTRICH, S. H. *et. al.*. Gênero e manifestação de stress em hipertensos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 27-34, jan. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/VHLzGjZRRJ9ZjdkBsvKKNTC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 jul. 2021

ZORZANELLI, R.; VIEIRA, I.; RUSSO, J. A.. Diversos nomes para o cansaço: categorias emergentes e sua relação com o mundo do trabalho. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v. 20, n. 56, p. 77-88, mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622015.0240>.